

A ALQUIMIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NOS PORTOS DA EXPANSÃO EM MOÇAMBIQUE, COM MIA COUTO*

*Inocência Mata***

RESUMO

Escrevendo em português, língua oficial de Moçambique e sua língua nativa, Mia Couto, no entanto, baseia seu trabalho na cultura do seu país, reino da palavra oral e da sabedoria tradicional africana. Para o autor, a língua portuguesa não é um mero instrumento de escrita, de trabalho artístico. O escritor revela conhecer o papel e o lugar da língua portuguesa na expressão dos sentimentos de um povo ex-colonizado, ao reinventar suas formas de expressão e adaptar sua gramática a diferentes sentimentos, estruturas mentais e consciência social. O trabalho com a linguagem em Mia Couto é por isso mais que lingüístico, pois revela uma filosofia de uso da linguagem para expressar nova realidade cultural e social.

Quando, em 1865, o escritor romântico brasileiro José de Alencar publicou o romance *Iracema* (então fortemente aplaudido por Almeida Garrett), Píndaro Chagas, o estadista escritor, verberou contra os neologismos e construções sintáticas arrojadas que o romance continha e que, segundo ele, só contribuía para encher o “velho português” de incorrecções. A esta verberação que vinha do outro lado do Atlântico, José de Alencar respondeu de forma lapidar: a pátria é nacionalidade do povo, como a língua é nacionalidade do pensamento.

Porque se tratava da mesma língua, a portuguesa, e pensamento diferente, o brasileiro, só posso concluir que o que Alencar reivindicava era a legitimidade para moldar a língua portuguesa, de matriz europeia, a uma expressão americana, a brasileira. Ilação que me conduz a um binómio muito produtivo e actual quando se pretende estudar as literaturas africanas que se fazem em português: o binómio língua/expressão. Só assim é possível perceber as estratégias criativas das culturas que, por razões históricas, se dão a conhecer ao mundo, isto é, se internacionalizam numa

* Comunicação apresentada, em inglês, na IV International Conference on Hispanism and Ibero-American Studies (4-6 de Fevereiro de 1997, Universidade Jawaharlal Nehru, Nova Deli).

** Universidade de Lisboa.

língua originariamente imposta, hoje *apropriada e nativizada*, nesses espaços outrora colonizados por Portugal.

Nos países africanos, ex-colónias de Portugal, a reivindicação nacionalista – que passou também pela luta armada nos países continentais, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique – estava condicionada pelo sistema colonial que era também fascista. A reivindicação passou, assim, por afirmação cultural, de que a linguística era uma vertente. Pois como diz Manuel Rui,

*De palavras novas também se faz país
Neste país tão feito de poemas
que a produção e tudo a semear
terá de ser cantado noutro ciclo*
(Manuel Rui, **Poesia necessária**)

Países cujas diferenças históricas, geográficas, étnicas, culturais e sociais dão sentires, sabores, saberes e valores diferentes – enfim, dão expressões diferentes, representações diferentes, africanas, embora *usando* – repito, usando – um mesmo veículo linguístico. É isso que leio na resposta, ainda no séc. XIX, de José de Alencar: e não se trata de preciosismo *chauvinista*, mas do reconhecimento de que uma língua tem **usos** diversos, isto é, linguagens diferentes, que o mesmo é dizer, expressões culturais diferentes em língua portuguesa, que conformam o variegado painel de expressões de identidades sociais dos países.

Espaços marcados por uma política de assimilação cultural, a língua portuguesa foi (e continua a ser) a língua do ensino, da administração e de produção intelectual. E sabemos como a língua, sendo o veículo privilegiado de dominação, é também o veículo privilegiado de libertação: resgatamos a clássica metáfora shakespeariana de Caliban e Próspero. De facto, a criatividade e a inventividade linguísticas são características de literaturas que se querem afirmar diferentes da do colonizador, que se inscrevem na mesma língua, de certa maneira corporizando as aspirações colectivas e estilizando uma tendência natural do dinamismo de uma língua quando é transportada para outros espaços, falada por outras gentes, para expressar realidades outras.

A artesanaria do verbo em Mia Couto é bem um exemplo disso: “Começar pelas palavras talvez não seja coisa vã. As relações entre os fenómenos deixam marca no corpo da linguagem”. (Alfredo Bosi, 1992)¹

Mia Couto é, hoje, o escritor africano de língua portuguesa em que a reinvenção linguística atinge uma extraordinária artesanaria sempre aliada a uma reflexão histórica, político-social e ideológica.

Geralmente considerado, com alguma simplicidade, herdeiro do trabalho

¹ No primeiro capítulo deste livro, Alfredo Bosi reflecte sobre as relações etimológicas entre os conceitos de colónia, *culto* e *cultura*.

do angolano Luandino Vieira (ele próprio muitas vezes diz ter sido influenciado pelo brasileiro Guimarães Rosa), Mia Couto nasceu na Beira (Moçambique), em 1955. Poeta e jornalista, será sobretudo como cronista, estoriador e romancista que o seu nome ficará no processo de renovação estética da literatura moçambicana. Cada livro seu é confirmação do seu projeto de renovação: **Vozes anoitecidas** (1986), **Cada homem é uma raça** (1990), **Terra sonâmbula** (1992), **Estórias abensonhadas** (1994) e **A varanda do frangipani** (1996), além do livro de poesia **Raiz de orvalho** (1983), seu primeiro livro, e **Cronicando** (1988), selecção de crónicas que durante anos o autor foi publicando na revista semanal **Tempo** e no jornal **Notícias**, de Moçambique.

Muito já se escreveu e se tem escrito sobre o trabalho literário de Mia Couto, do ponto de vista da reinvenção verbal, do encontro da elocução oral com a elaboração da palavra poética. Existem interessantes estudos (linguísticos) sobre os processos de inovação/renovação lexical nos textos de Mia Couto, neologismos e criação lexical, uma via de reflexão linguística a partir desses textos que, porém, não gostaria de perseguir por me parecer descritiva. Porque o que me fascina na obra de Mia Couto, neste aspecto, é que a *atualização do processo de criatividade linguística não é apenas da língua mas é sobretudo de nova ideologia de expressão*, a que parece presidir uma específica “filosofia estilística”.

A sua artesanania recria, entre outros, os conflitos entre a língua portuguesa, o idioma hegemónico ontem e hoje, e as muitas línguas autóctones do país, buscando, pela fundação de uma nova *geografia linguística, uma nova ideologia para pensar e dizer o país*. Assim é que injeta no código linguístico português a cultura da oratura africana, (a sintaxe de valências etno-semânticas, construções marcadas pelo ritmo oral), fracturando-o com neologismos e signos de uma sageza gnómica, de uma oralidade recriada, portanto, de uma pseudo-oralidade, para o tornar capaz de captar novas sensibilidades de olhar e dizer, diferentes formas de estar e ser Homem moçambicano, hoje – enfim, injetando nele novos sabores e novas saberes moçambicanos. Moçambique, ela própria um variegado espaço etno-cultural de matriz africana atravessada por um complexo de segmentos étnico-culturais luso-indo-sino-arábicos.

Para a apropriação da língua portuguesa já estabilizada social e estatutariamente, Mia Couto desestrutura-a para alcançar efeitos inusitados de significação expressiva, na tentativa de adequar o idioma de poder à expressão de uma realidade perfeitamente em desfase com a que terá levado à sua normalização. A este propósito leia-se o conto “O dia em que explodiu Mabatabata”, de **Vozes anoitecidas** (1986), cujo assunto é a explosão de um boi devido à queda de um projétil de guerra perdido e o espanto aflitivo do pequeno pastor Azarias (veja-se o jogo onomástico de efeito humorístico: Azar + Isaías) para “advinhar” o que (lhe) está a acontecer: *Vens pousar quem, ndlati?, pergunta o pequeno pastor* (p. 47).

Mas como entender este verbo – pousar – como transitivo? No contexto da bomba que “vem do ar”, como um pássaro (ndlati), a sua significação releva da conciliação da semântica do verbos *cair* e *matar*, esse sim, transitivo, construindo-se, as-

sim, um efeito de leitura que sugere uma situação inesperada e de impotência (porque a morte vem do ar).

Outro exemplo de tal expressão de uma realidade nada linear é um outro conto, desta feita do seu livro **Cronicando**, “Escrevências desinventosas”, crónica metaliterária e metatextual em que o autor se insurge contra o posicionamento da criatividade da escrita (literária) e da “dicionária” língua (gem), mais uma vez num nítido registo humorístico, pela “língua certa do povo” sem “macaquear a sintaxe lusíada”, como no longínquo ano de 1925 dizia Manuel Bandeira no nostálgico poema “Evocação do Recife”. Retenhamos alguns termos (p.163-164) e a sua expansão ideológica e semântica, contra o controlo dos “imageneiros” (os profissionais da imaginação, logo, trabalhando dentro do *status quo*) da língua:

- “(...) a ordem era perguntosa” – porque insultuosa, em forma de pergunta, ofende sem perguntar;
- “Mas a ordem me deixou desesfeliz”: desesperado + feliz – a combinação inusitada das noções paradoxais de desespero e felicidade a expressar, ironicamente, o pouco efeito que teve sobre o sujeito a pergunta acusadora;
- “Vigilanciosos”: vigilantes + ciosos – o neologismo é uma acertada soma das duas qualidades que se supõem ser dos postos de policiamento da língua. Outrossim, o contraste irónico com “vigilentos” é óbvio;
- “Vigilentos”: vigilantes + lentos – vigilanciosa refere o ideal de uma actividade policial; vigilentos nomeia a realidade dos agentes desse policiamento. A lentidão é, assim, o novo sema que aparece inerente a essa actividade nesse jogo de palavras;
- “Obeditoso”: obediente + ditoso – ditosamente obediente, significação que, no contexto, resulta irónica e, mais ainda, pelo contraste com “obeditado”;
- “Obeditado”: obediente + ditado – referência a alguém obediente ao que é ditado, isto é, a normas e preceitos. A relação entre os termos originários é evidente, o que reforça tanto o efeito de ironia como a sua eficácia. (Couto, 1991, p. 163-164)

E cada obra de Mia Couto traz-nos novas palavras, novas formas de nomear as “coisas” e o seu estado, de dizer o país (por vezes quase indizível)...

É uma *prolífica reinvenção do significante e do significado*, portanto, uma inventividade mais do que uma língua, expressiva, portanto da linguagem, que uma análise mais atenta diz que os recursos de renovação não se afastam das regras do sistema, como à primeira vista o leitor pode ser levado a julgar.

Com efeito, na formação de novos vocábulos, por exemplo, os procedimentos são sistematicamente o amalgamento e a derivação (por prefixação e por sufixação), ora com uma função *marcadamente irónica* (de que um exemplo graciosamente conseguido é “imagináutica”: imaginação + náutica, em que a nova palavra, exprimindo a relação entre os dois termos componentes, reforça a ideia de viajar *com a mente e com o corpo*), ora com o *efeito de estranhamento*, gerador da situação irónica, no limiar da comicidade (como “escrevência”: escrever + excrescência); ou a técnica de subversão da doxa, isto é, das verdades consagradas pelo código gnómico: “às duas por triz”, resultando num “improvérbio”. Mas é reinvenção de cuja artesanaria

orientada o autor está perfeitamente programado, como antes Luandino Vieira (como antes João Guimarães Rosa), *o que revela não um simples ato gozoso*. Pelo contrário, subjaz a este jogo estético uma postura ideológica, de afirmação de uma diferença linguística e literária no interior da língua de poder de que ambos, curiosamente, Luandino Vieira e Mia Couto, estão ligados (em termos étnicos, culturais e classistas). Mia Couto (1994), ele próprio, di-lo numa entrevista:

Benefício-me de uma situação privilegiada, porque tenho um pé na norma e outro na errância a que está sujeita a língua portuguesa (...) A maior parte das construções não as reproduzo mecanicamente. Tento reencontrar a lógica que leva a essa possibilidade de reconstrução. (Couto, 1994, p. 14)

E na reconstrução dessas estruturas da *fala* – da língua oral – o autor joga com elementos de valências etno-, socio- e psico-semânticas. Num mundo marcado pelas acções mais sórdidas do homem, em que a guerra potencia todos os demónios do homem, há uma recorrência na sua obra, que é a intromissão nesse realismo social, por um lado, do fantástico através da presença obsediante da morte e, por outro, do onírico, cuja harmonização certa crítica convencionou chamar “realismo animista”, na esteira do “realismo mágico”. Outrossim, as personagens de Mia Couto são, com certa sistematicidade, seres de excepção: velhos, crianças, loucos, defuntos, seres marginais e marginalizados, seres que, conservando uma auréola de pureza, são capazes de captar a essência (poética) da existência, a sua inefabilidade e a sua dimensão cósmica. Personagens propulsadas pelo sonho, pela inocência e pelo devaneio onírico: pode parecer paradoxal no que se refere ao defunto, mas os mortos de Mia Couto sonham com uma paz eterna que os vivos lhes negam pelas sandices que vão fazendo pelo mundo! (leia-se, por exemplo, **A varanda do frangipani**, 1996). Também as personagens de **Terra sonâmbula** (1992), por exemplo, o Velho, Tuahir, e o menino, Muindinga, *na busca iniciática da identidade espartilhada pela violência da fome e da guerra*, dos fantasmas antigos (do colonialismo) e dos presentes (da guerra civil, do pós-independência), procuram o amor e a paz, a amizade, a solidariedade e a tolerância, enfim, valores de uma humanidade desaparecida na voragem da guerra. Náufragos divididos entre o mundo da realidade, de que querem fugir, e o da poesia dos cadernos de Kindzu, tentam encontrar essa humanidade através da capacidade de sonhar. E descobrem – e era aqui que queria chegar – que “já só sabiam sonhar em português”:

E as estórias se seguiam, se repetiam, trocavam e multiplicavam.

— *Me estás a ouvir, Kindzu?*

Na realidade, eu já desistira de escutar. Pensava sobre as semelhanças entre mim e Farida. Entendia o que me unia àquela mulhe: nós dois estávamos divididos entre dois mundos. A nossa memória se povoava de fantasmas da nossa aldeia. Esses fantasmas nos falava em nossas línguas indígenas. Mas nós já só sabíamos sonhar em português. (Mia Couto, 1992, p. 102)

E como sonhar (em português) numa língua que não viaja em “imagináuticos” percursos?

É interessante a proposta dessa “laboração onírica” *da/em* língua portuguesa, porque é através desse *sonho que se refazem a memória do país* e a própria, individual, e *também a identidade social e a histórica*, o imaginário e as tradições. E também pelo exorcizar dos medos da opressão colonial, da guerra, do racismo, da fome e pela reatualização das crenças religiosas, do saber gnómico e da perda da poesia da vida e da morte – que a morte, tendo uma dimensão cósmica, tem também, não obstante, uma ritualística cosmogónica – perpassam *caminhos possíveis do refazer da nação*, para citar Walter Benjamin (1981), para quem “os sonhos fazem parte da História, encontram-se encobertos no imaginário mítico popular. Ao serem reativados, trazem à tona fragmentos da História silenciada e, por isso, são elementos propulsores de um “acordar político”, impedindo, assim, o imobilismo cultural”. (cf. Rouanet, apud Secco, 1996)

Neste contexto – o da *reatualização iniciática das identidades sociais (étnica e cultural)* – Mia Couto mobiliza todo um sistema estruturante para construir a sua “língua” – que não é apenas constituída pelas palavras mas também pelas mais linguagens (“formas simples” como mito, máxima, provérbio, etc.). Estas funcionam por si próprias e refletem-se na sua obra, não apenas pelas suas matrizes estilísticas, mas estreitamente conjugadas com as matrizes socioeconómicas e políticas e as das culturas tradicionais.

Não é certamente original a consideração de que não é só a língua que faz o homem, mas este também faz a língua, num processo recíproco de que o uso é a força motriz do desenvolvimento linguístico e cultural (enriquecimento lexical e semântico e o adequamento sintáctico). Rompendo a relação com a “função primitiva”, isto é, tradicional, da linguagem (no caso, língua portuguesa), em Mia Couto, primeiro é sempre a palavra prática que se faz letra. Na sua obra, as palavras mantêm a sua genuína função de representar “vozes”. A oralidade continua a ser, neste sentido, e como na obra de Luandino Vieira, uma força comunicativa (Mata, 1995). Apropriando-se das palavras que andam na boca do povo, o autor mastiga-as, digere-as, transformando-as, em suma, usando-as, tornando-as úteis, como fonte de conhecimento e de significação de uma nova cultura em português, cuja designação tem já pouco a ver com a matriz da “última flor do Lácio”.

Uma escrita *refractando* os medos e as aspirações do homem moçambicano, desse Homem universal feito de matéria (carne, sangue e nervos) e de Espírito; e cuja voz, gerado de um fazer coletivo, tem, por isso, que *gritar diferente*. O volume será a originalidade e o tom da escrita. O resultado, uma obra variegada, sem medo da língua, e decidida a “desinventar” sentidos e normas e a rasgar e acrescentar sonhos, que os portugueses iniciaram há cinco séculos nos portos de expansão.

ABSTRACT

Being a western culture owner, and writing in his native language, the Portuguese language, Mia Couto, however, bases his work on the Mozambican “traditional culture”, the kingdom of the oral word and African sagesse. For him the Portuguese language is not only a mere instrument of writing, of artistic work. He reveals his awareness of the role and the place of the Portuguese language in the expression of the feelings of an ex-colonized people by reinventing the language and shaping and adapting its grammar to different feelings, mental structures and social conscientiousness. That’s why Mia Couto’s verbal artistic work is more than only linguistic but reveals mainly his philosophy of the use of a European language to express new cultural and social realities.

Referências bibliográficas

- BOSE, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- COUTO, Mia. *Cronicando*. Lisboa: Caminho, 1991.
- COUTO, Mia. Entrevista. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 18 ago.1994. p. 14.
- COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. Lisboa: Caminho, 1992.
- MANUEL RUI. *Poesia necessaria*.
- MATA Inocência. A oralidade; uma força comunicativa na obra de Luandino Vieira: o exemplo da estória da galinha e do ovo. In: COLLOQUE INTERNATIONAL LES LITTÉRATURES AFRICAINES DE LANGUE PORTUGAISE. Actes... Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 1985.
- ROUANET, Sérgio Paulo. Édipo e o anjo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981. Apud SECCO, Carmen Lúcia Tindó. No ranger da memória e nas redes do poético; o processo de reinvenção verbal em Guimarães Rosa, Luandino Vieira e Mia Couto. *Range-Rede*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 1996.